

“Coletivo das Artes & Saúde” na Convergência, Los Angeles, 2013: relato de experiência, ações e perspectivas futuras

Marta Peres (martasperes@gmail.com)

Ivy McClelland (ivyjeanne@gmail.com)

Giuliani Alvarenga

CV Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4706969Z0>

Resumo: Trata-se de uma reflexão acerca das linhas de pensamento, ação do “Coletivo das Artes & Saúde” (HAC/Healing Arts Collective), grupo que atua no campo das práticas criativas voltadas para a saúde individual e coletiva, e sua experiência em Los Angeles durante a Hemi Convergência GSI, em outubro de 2013. Descrevem-se uma oficina de corpo ministrada no LGBT Village Center e uma performance em praça pública, chamando atenção para aspectos ligados às ideias de corpo X cidade, acolhimento, aceitação da imagem corporal, expulsão, gentrificação.

1. INTRODUÇÃO

Este texto relata linhas de pensamento, ações do “Coletivo das Artes & Saúde” (HAC/Healing Arts Collective)¹ e sua experiência em Los Angeles durante a Hemi Convergência GSI, em outubro de 2013². Além da proponente da convocatória, Ivy McClelland, integraram o HAC os pesquisadores Giuliani Alvarenga, Louis Jargow e Marta Peres³. A ideia que norteia o coletivo é a afirmação da relevância das práticas artísticas para o restabelecimento da saúde, na perspectiva tanto individual quanto da coletividade, enfocando questões ligadas à saúde mental e à cidade.

¹ Não foram encontrados termos precisamente idênticos para descrever o nome deste GT na língua portuguesa. A palavra *healing* significa “cura”, e “artes curativas” seria uma tradução literal, mas “cura”, “tratamento”, “terapia”, possuem significados próprios e diferentes do de “*healing*”, termo mais próximo da ideia de um processo dinâmico de restabelecimento da saúde. Por isso, optam os por chamar de “Coletivo das Artes para a Saúde”. Outras possibilidades seriam “Saúde pela Arte” ou “Artes pela Saúde”.

² UCLA, University of California Los Angeles e USC, University of Southern California.

³ As parcerias envolveram participantes das universidades norte-americanas UC Berkeley (Saúde Pública), UCLA, NYU e as brasileiras UFRJ e USP.

As referências consistem em ferramentas voltadas para ações que têm no **corpo** o protagonismo, já que não se tem a pretensão de lançar uma discussão teórica, que pode ser objeto de outros trabalhos, mas de relatar uma vivência, avaliar aspectos bem e mal sucedidos, aprimorar metodologias, estabelecer parâmetros para futuras realizações, enfim, produzir uma reflexão a partir de acontecimentos/encontros/lugares com pessoas ao vivo e a cores, daí a fundamental importância deste registro sob forma de publicação. Durante o evento, o HAC realizou duas intervenções: uma num espaço institucional - LGBT Village Center -, sobre a qual optamos por nos deter com mais detalhe, e outra num espaço público, ao ar livre - Praça em frente à Rua Olvera, considerada o “local de nascimento” de Los Angeles, com significativas características de seu passado mexicano e presença latina.

A Convergência Hemi GSI integra a agenda do Instituto Hemisférico de Performance Política das Américas⁴. O evento contou com participantes ligados a instituições dos EUA, Américas, em especial a América Latina, ilhas do Pacífico, em discussões em grupos de trabalho (GTs) acerca dos mundos do trabalho, cuidados terapêuticos, corpos na era digital, ilhas e fronteiras, além de painéis, conferências, performances, peças, filmes, visitas a lugares e organizações comunitárias dos arredores de Los Angeles⁵.

⁴ <http://hemisphericinstitute.org/hemi/pt>. A finalidade da Hemi Convergência GSI, iniciativa de estudantes de graduação, evento realizado nos campi das Universidades UCLA e USC, é reunir interessados na interseção entre universo acadêmico, expressões artísticas e políticas, promovendo ações que têm no **corpo** um meio para a criação de novos significados, a transmissão de valores culturais, memória e identidade.

⁵ A primeira edição ocorreu em 2012 na Universidade de Duke, EUA. Em 2013, a 2ª Convergência recebeu estudantes de graduação e pós-graduação das áreas de humanas, ciências sociais e artes, professores, artistas e ativistas, na intenção de explorar as maneiras de se habitar as fronteiras entre esses papéis, desenvolver colaboração horizontal, discutir pedagogias inovadoras e não convencionais. Foram aprofundados diálogos acerca do tema “Coletividades Experimentais”, iniciados no ano anterior, em Duke.

Ivy McClelland, estudante de Saúde Pública da U.C.Berkeley (concluindo a graduação), convocou os demais⁶ na intenção de explorar uma interseção entre arte e saúde pública, pelo estudo de práticas criativas bem sucedidas de artistas, ativistas e acadêmicos voltadas para construção do bem-estar comum e a justiça social, avaliar seu alcance, estabelecer diretrizes, realizar ações, abrir perspectivas e propor recomendações. Buscou-se uma compreensão transdisciplinar das intervenções em saúde pública baseadas na arte e tópicos como etnia, classe, gênero, sexualidade, idade e posição socioeconômica. Partindo da pesquisa do estado da arte, foram eleitas práticas com maior afinidade com o coletivo, a fim de se elaborar recomendações para políticas públicas e novas pesquisas.

2. ENCONTRO VIRTUAL E LINHAS DE AÇÃO

Após a convocação de Ivy, foram submetidos e aceitos no GT os trabalhos dos pesquisadores Louis Jargow, graduando em Estudos da Performance na NYU, orientando da Professora Diana Taylor, e Marta Peres, professora da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e pós-doutoranda da USP (Universidade de São Paulo). Giuliani Alvarenga, graduado na UC Berkeley, chegou em seguida. A área de interesse comum envolveu arte, cuidados/terapias, saúde, saúde mental e traumas de uma comunidade. Nos primeiros contatos⁷, por chats online, correspondência, conferências telefônicas e por *skipe*, trocamos experiências, pontos de vista, discutimos questões ligadas a traumas, indivíduo e coletividade, a fim de pensar ações para o evento em Los Angeles.

Marta relatou suas influências na dança, teatro, incluindo o Sistema Laban, Angel Vianna (Teixeira,1998), Augusto Boal e a Pedagogia Griô⁸. Giuliani

⁶ A organização do evento sugeriu que o HAC se reunisse à proposta de outra pesquisadora, Sarah Murdoch, por conta da temática afim. No entanto, segundo a mesma, as propostas do HAC se distanciavam de suas intenções iniciais e ela optou por retirar-se do grupo.

⁷ Somente Ivy e Giuliani já se conheciam pessoalmente antes da Convergência.

⁸ Griô é uma palavra de origem africana, ligada aos mestres das culturas de transmissão oral, à contação de histórias, cantos e danças. Vide: <http://www.acaogrio.org.br/pedagogia-grio/>

expôs sua pesquisa em estudos de gênero, temática LGBT e terapias. Ivy compartilhou sua experiência em formações anteriores do HAC, como o trabalho com residentes de Coney Island após o Furacão Sandy. Louis expressou seu interesse em performance política pública e saúde mental. Discutiram-se meios de realizar uma oficina e decidiu-se colocar em prática a proposta de Marta, cujo tema eram as relações entre o corpo e a cidade. Giuliani sugeriu o LGBT Village Center de Los Angeles⁹, onde trabalha e que contaria com participantes do programa de apoio para jovens. Na oficina, seriam colocadas as seguintes questões: “Se a cidade fosse meu corpo, o que estaria doente, o que estaria saudável? E “Em que medida a cidade afeta meu corpo e minha saúde?”.

Indagamo-nos acerca de traumas da comunidade e possíveis caminhos para melhorar a relação dos participantes com a própria identidade, imagem corporal e o bem estar na cidade, concebendo a arte enquanto uma ferramenta estratégica e potente¹⁰. Corpo, saúde, em especial, a saúde mental¹¹, foram temas do encontro virtual, em que se combinaram as ações subsequentes – a oficina no LGBT Village Center e a performance numa praça pública.

3. “PONTES ENTRE CORPO E CIDADE” NO LGBT VILLAGE CENTER

A **“Pontes entre Corpo e Cidade; sob a perspectiva da dança e suas qualidades do movimento”**, realizada no Los Angeles LGBT Village Center, teve como objetivo estimular a reflexão acerca do tema saúde individual X coletividade. Ivy desenhou um cartaz, afixado naquele prédio, a fim de convidar os participantes.

⁹ <http://www.lagaycenter.org/site/PageServer#>

¹⁰ Quando Ivy relatou sua experiência com arte/teatro/dança no Haiti, e o decisivo protagonismo dos participantes para a criação cênica em saúde, nos recordamos dos brasileiros Paulo Freire e Augusto Boal. Ivy exibiu para a câmera suas edições traduzidas para o inglês das obras “Pedagogia do Oprimido” e “Teatro do Oprimido”, destes dois autores, respectivamente.

¹¹ A Organização Mundial de Saúde (OMS) define saúde como "um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades" e, mais que um valor individual, esta consiste num valor da comunidade, direito fundamental da pessoa humana, que deve ser assegurado sem distinção de raça, religião, ideologia política ou condição sócio-econômica.

Numa sala de aula prática, a oficina conduzida pelo coletivo, com pouquíssimo tempo para a realização desde a chegada no aeroporto, durou cerca de duas horas e foi muito bem recebida pelos participantes¹². Iniciamos com uma roda de apresentações, um relaxamento no chão, voltado para a conscientização/percepção do corpo e sensações. Após um aquecimento, nos dividimos em duplas, para pesquisa de movimento criativas, em que os participantes experimentaram uma síntese do conteúdo prático da disciplina “Dança e Corpo Humano”, ministrada por Marta na UFRJ¹³. Por meio de dinâmicas de fácil compreensão e materiais como papel, cola, jornais e revistas, eles foram convidados a entrar em contato com os sistemas corporais em conexão com os fatores de qualidade do movimento do Sistema Laban¹⁴ e discípulas. Segundo eles, o sistema ósseo é relacionado ao fator espaço; o sistema muscular, ao peso; os sistemas fluidos (sangue, linfa, líquido, líquido sinovial, líquidos intra e extra-celular), ao fluxo; e o sistema nervoso, ao tempo. Cada fator relaciona uma determinada característica do movimento à atitude do ator/bailarino/participante/pessoa que se move¹⁵

¹² Após o encontro no aeroporto, Ivy e Marta seguiram para a Union Station de Los Angeles, onde a elas se reuniu Giuliani, a fim de traçarem os preparativos para a oficina, comprarem os materiais necessários. Louis os encontrou no LGBT Center.

¹³ Marta vem se debruçando sobre este tema há cerca de cinco anos, tendo ministrado a referida disciplina nos cursos de graduação em Dança da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A professora Marina Martins foi uma importante colaboradora nesta formulação. O tema foi objeto de conferências em Brasília, Rio de Janeiro (Centro de Ciências da Saúde/UFRJ), México (CeBeNeQ, Querétaro), Noruega (HiNT-Universidade de Nord Trøndag, Namsos), EUA (Universidade de Stony Brook, Long Island, Nova Iorque).

¹⁴ Rudolf Laban (1879, Bratislava/1958, Weybridge, Inglaterra) é uma das principais referências teóricas do campo da dança e análise de movimento nas artes cênicas. Suas discípulas Bartenieff e Bainbridge-Cohen desenvolveram importantes trabalhos a partir deste sistema: Irgart Bartenieff, bailarina, analista do movimento, fisioterapeuta (1900, Berlim/1981, Nova Iorque) Bonnie Bainbridge-Cohen (bailarina, pesquisadora, terapeuta, criadora do método/escola Body-Mind Centering).

¹⁵ Pela pergunta com uma preposição para se conectar com um fator/sistema corporal: O fluxo refere-se à *progressão*, sua questão é “*como me movo?*” Há continuidade ou interrupção/retenção? O fluxo é livre ou contido? Fazemos aí contato com o sentimento, emoção, fluidez, os sistemas fluidos “afirmam a presença e são mediadores da dinâmica de fluxo entre a quietude e a atividade” (Bainbridge-Cohen, 2008: 3). O peso refere-se à *intenção*, sua pergunta é “*o quê/quanta força exerce, que impacto meu movimento gera?*”, é leve ou forte, assertivo ou indeciso? Ligado à dimensão vertical, alto/baixo, onde inscreve-se a força da gravidade, vencida pelo sistema muscular, pelo peso, incorporamos vitalidade,

(Fernandes,2006). Esta breve descrição sobre fatores/sistemas corporais visa esclarecer a elaboração das estratégias pelas quais as práticas colocariam aos participantes questões ligadas à saúde e à cidade. O corpo foi tomado como metáfora para se pensar o espaço urbano, sob aspectos favoráveis e desfavoráveis, colocando as questões citadas: “Se a cidade fosse meu corpo, o que nele estaria saudável, o que nele estaria doente?”. E, ainda, “em que medida os problemas da cidade afetam meu corpo e minha saúde?”.

O contato com o fator espaço/sistema ósseo deu-se por meio de uma atividade em duplas, em que um mobilizava/esculpia o outro, sob diferentes posturas, ângulos, simetria/assimetria, níveis alto/médio/baixo, planos frontal/horizontal/sagital, situações de equilíbrio/desequilíbrio. Em seguida, trocavam-se os papéis. O fator fluxo/sistemas fluidos foi trabalhado por uma massagem em deslizamento, do centro às extremidades das cinturas às mãos e pés, e de volta ao centro, conectando toque e ritmo da respiração de ambos. O fator peso/sistema muscular foi percebido pela aproximação e distanciamento do solo, observando-se a força necessária para vencer a gravidade. Finalmente, o fator tempo/sistema nervoso foi abordado pela caminhada em duplas, um de olhos fechados, conduzido pelo toque do colega de olhos abertos, em diferentes velocidades, percursos retos/curvos, níveis baixo/médio/alto. O parceiro de olhos fechados começou a contar uma história e esta narrativa passou a determinar a velocidade e o desenho do percurso. Em seguida, os papéis foram trocados.

expressamos poder, dialogam resistência e resolução. Ligado à decisão, a pergunta do fator tempo é “quando?” Devo me apressar ou posso adiar? O movimento é urgente ou ralentado? De quanto tempo disponho? Qualidade de apressar/prorrogar ações, associa-se à dimensão sagital (frente/trás). Através dele, conectamo-nos ao sistema nervoso, maior sistema de controle eletroquímico do corpo, que recebe e envia informação para todas as células, percebemos/concebemos/interagimos mundos interno e externo, é responsável pelo estado de alerta, pensamento e precisão da coordenação motora.

Depois da parte corporal propriamente dita, as duplas receberam lápis de cera, canetas hidrográficas, grandes folhas papel pardo, jornais e revistas. Pedimos que folheassem e separassem figuras ligadas a aspectos da cidade que os agradavam e desagradavam. Um dos colegas se deitou sobre o papel enquanto o outro contornou seu corpo, fazendo um mapa sobre o qual ambos escreveram, desenharam e colaram fotos de jornais e revistas, a partir das perguntas citadas. Quando o trabalho foi concluído, o grupo caminhou na galeria de trabalhos expostos no chão e discutimos os significados dos mesmos. Em roda, compartilhamos as experiências apontando para os desenhos/colagens. O grupo nos trouxe uma resposta receptiva e positiva em relação à oficina, bem sucedida, ainda mais se considerarmos que éramos todos desconhecidos uns dos outros, e foi possível criar, pelas práticas de corpo, um espaço convidativo aberto à experimentação.

A necessidade de acolhimento e a importância de atividades como esta no cotidiano foi mencionada. Falou-se da sensação de atropelamento, falta de lugar, das pessoas, da expulsão de áreas mais valorizadas, do descaso pelo aspecto humano da vida em comum. Aspectos positivos mencionados foram as amizades, amor, possibilidade de encontro. Uma jovem transexual negra disse ter apreciado a oportunidade de se expressar e ficou à vontade para ler para o grupo um poema que escreveu naquele instante, pois se sentiu acolhida, aceita. Ela afirmou ter seu próprio corpo desenhado fazia sentir-se amada. Ivy chamou atenção para a falta de tempo de refletirmos sobre a relação com nossas cidades. Barulho e engarrafamentos nos afetam diretamente o corpo e a mente, e segundo ela, este exercício abriu seus olhos e a fez recordar do meio ao redor, ao invés de somente mergulhar em pensamentos. Outra dupla contou como negociou ao colocar os aspectos positivos e negativos dentro ou fora do corpo/mapa. Marta contou estas questões estavam presentes no Rio de Janeiro, principalmente devido aos grandes eventos agendados (Copa do Mundo e Jogos Olímpicos), o que acentuou o processo de gentrificação daquela cidade.

A partir daí, práticas artísticas, cênicas e de movimento voltadas para a saúde consistiriam nas diretrizes da construção de uma posterior experiência cênica/performática coletiva, em local a ser escolhido. Não há espaço para descrever toda a participação do GT na Convergência, evento sobre o qual podem ser obtidas informações em <http://hemisphericinstitute.org/hemi/es/hemi-gsi/convergence-2013-wg-call>.

4. DESDOBRAMENTOS

Merece destaque o encontro do HAC, no dia seguinte à oficina, com os integrantes do GT “Espaços Públicos e Privados em Intervenções Urbanas”, convocado por Tania Alice, professora da UniRio (UFRio), com o qual decidimos nos reunir por conta das temáticas e propostas afins, voltadas para uma intervenção urbana em espaço público. Após as apresentações das pesquisas de cada um, optamos por realizar uma performance juntos em praça pública, em frente à Rua Olvera, ação para a qual todos do evento foram convidados¹⁶. Considerada o local de nascimento de Los Angeles, o local se apresentou interessante para uma performance/intervenção que abordasse nosso tema inicial, relação corpo e cidade, pois poderia ser considerado um ponto estratégico de um trauma original. Como nomear estes traumas, causar mudança, e como ela pode nos impactar, foram perguntas que nos colocamos antes de ir “para a rua”.

Logo à chegada, policiais nos pediram que saíssemos da parte da praça que dava acesso a um coreto onde estava ocorrendo um evento privado da comunidade italiana, cujo ingresso era 50 dólares. Um deles disse que se quiséssemos fazer “uma manifestação”, teríamos que nos afastar para alguns metros dali. Argumentamos que não se tratava de uma manifestação, mas

¹⁶ Tania Alice, deitada de camisola numa cama inflável, nela conversava com quem desejasse. Davi Giordano sentado ao meio-fio segurava uma placa com os dizeres: “Converso sobre sexo” – em inglês, espanhol e português. Marcelo Asth, vestido de “herói do cotidiano”, entregava cartas redigidas por senhoras de mais de 60 anos do Rio de Janeiro (traduzidas para o inglês) para senhoras passantes que se dispusessem a recebê-las. Filomena Filona, a palhaça de Marta, auxiliou Marcelo em sua tarefa e interagiu com os transeuntes adultos e crianças. Os demais interagiram, fotografaram, participaram a seu modo.

sim da performance da Convergência, na UCLA e USC, mas fomos “removidos” mesmo assim.

Uma professora que integrava o evento, assim como outros colaboradores instantâneos, disse que estava preocupada, pois nos EUA vigora um clima tenso ante a manifestações em espaços públicos, políticas, artísticas, ou não, e que tivemos sorte de não ter ocorrido qualquer reação mais violenta por parte dos policiais.

5 DISCUSSÃO

No último dia, apresentamos nossa experiência de planejamento e trabalho coletivo. O grupo formou um laço positivo e decidimos dar continuidade ao trabalho juntos, inclusive no Encontro do Instituto Hemisférico em 2014 (Montreal, Canadá). Nossa intenção é criar uma estrutura flexível em que outras comunidades possam se apropriar das práticas de artes criativas propostas, a fim de apontar questões que as impactam e propor mudanças.

Cada um relatou um aspecto do processo e exibimos mapas da oficina. A potência do HAC reside em suas perspectivas distintas porém com importante interseção. Dentre as limitações, citamos a dificuldade comunicação, pela distância geográfica, que por online/skipe, embora útil, pode ser aprimorada no futuro. Certamente, não temos a pretensão de resolver graves problemas de políticas públicas da cidade com duas ações, mas sim de lançar sementes para a reflexão, a discussão acerca de nossas condições, nossos papéis sociais, chamar atenção para certos aspectos, a fim de construirmos atitudes no cotidiano enquanto cidadãos.

A ideia de acolhimento/falta dele, referida pelos participantes da oficina, por conta de sua condição de discriminados, jovens homossexuais, transexuais, negros, alguns deles sem casa (homeless), contrastou com a imagem de uma cidade conhecida por seus habitantes ricos e famosos. Aqueles que não se sentem “adequados” para as exigências da sociedade relatam uma sensação de serem ignorados, invisibilizados, “cuspidos”, enxotados,

removidos, por meio de ações violentas dos poderes públicos, processos que se repetem nas metrópoles. Ocasões como a oficina e a performance pontuam na contramão da expulsão, visando o empoderamento individual e coletivo, e são extremamente necessárias, enquanto práticas permanentes voltadas para a construção de uma realidade mais humana.

Embora não mencionada expressamente, a ideia de gentrificação¹⁷ foi um ponto marcante em nossa percepções. O termo refere-se às modificações sofridas por bairros em que a valorização imobiliária impossibilita a permanência de antigos moradores por conta da elevação dos preços, gerando uma subsequente expulsão dos mesmos do local. Tanto sob os aspectos financeiros, concretos, quanto os simbólicos, subjetivos, a sensação de não acolhimento frustrando o permanente desejo de ser amado pode ser compreendida num contexto cujas raízes remontam aos primórdios da era moderna e que na chamada hipermodernidade de hoje atingem proporções inéditas. Ininterruptamente submetidas a obras, a modernização das cidades remete ao mote “não parar nunca, não parar de mudar”, e à canção dos Rolling Stones: “I can get no satisfaction. But I try, but I try, but I try”¹⁸. As raízes da luta contra a perda de tempo, por sua vez, podem ser identificadas na moral ascética dos primórdios do capitalismo, sintetizada pela máxima “tempo é dinheiro”, de Benjamin Franklin.

Milton Santos afirma que a globalização perversa, fundada na tirania da informação e do dinheiro, na competitividade, na confusão dos espíritos e na violência estrutural, acarreta o desfalecimento da política feita pelo Estado e a imposição de uma política comandada pelas empresas (Santos,2000:15). Num mundo confusamente percebido, em que é comemorado o extraordinário progresso das ciências e técnicas, existe uma referência obrigatória à aceleração e suas vertigens. Marshall Berman lança mão da

¹⁷ A expressão *gentrification* foi usada em 1964 pela socióloga Ruth Glass que analisou a especulação e transformações imobiliárias de bairros de Londres. A etimologia do termo vem de *gentry*, que em inglês significa gentil, nobre.

¹⁸ “(I can get no) Satisfaction”, canção de Mick Jagger e Keith Richards, 1965.

metáfora do “homem fáustico” para descrever a modernidade enquanto um imenso canteiro de obras, tradução visível de um sentimento de insatisfação permanente.

A fim de mergulhar neste sentimento de expulsão, referido pelos colegas e por multidões excluídas de todo o mundo, concluiremos este texto nos debruçando sobre a fábula de dois personagens com uma forte carga simbólica da lenda germânica “Fausto”, notabilizada pela obra de Goethe: Filemo e Báucia.

O impulso para a destruição criativa de Fausto, herói arquetípico da modernidade, faz com que seus arredores se renovem e uma nova sociedade seja criada à sua imagem. Contudo, uma pequena porção de terra permanecia como sempre fora. Esta é ocupada pelo simpático velho casal há um tempo sem conta. Num pequeno chalé com um jardim repleto de tílias, não tinham qualquer desejo ou motivo, àquela idade, para sair, nem por uma quantia considerável de dinheiro. Eles representam a encarnação literária de uma categoria de repercussão na história moderna, a das pessoas que estão no caminho, o da história, do progresso, do desenvolvimento, descartadas como obsoletas. Num estilo de maldade caracteristicamente moderno e impessoal, sem presenciar a remoção, Fausto convocou Mefisto e seus homens para retirá-los do caminho: à noite tudo estaria resolvido. A tecnocrática mentalidade de Fausto não pode conviver com pessoas lentas, inadequadas, consideradas descartáveis.

Momentos de encontro, quietude, reflexão, troca, tais como os da oficina e da performance, alterando os ritmos convencionais de urgência do cotidiano, demonstram-se imprescindíveis, um aprendizado fundamental que vai na contramão da globalização perversa à qual estamos submetidos. São formas de resistências, em outras palavras, de re-existência, de se repensar a existência, e buscar novas possibilidades. Pelo corpo, afirma-se a presença, permanência, de Filemo e Báucia, de seu jardim de tílias e, principalmente, de nós mesmos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, MARSHALL. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BAINBRIDGE-COHEN, Bonnie. **Sensing, Feeling and Acting**. *The Experiential Anatomy of Body-Mind Centering*. Northampton: Contact Editions, 2008.

FERNANDES, Ciane. **O Corpo em Movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas**. São Paulo: Annablume, 2006.

PERES, Marta. Dança e Corpo Humano ou uma Proposta de Fisiologia para Bailarinos. IN Ribeiro, Joana. Keiserman, Nara. **O Corpo Cênico**. Annablumme. No prelo.

TEIXEIRA, Letícia. **Conscientização do Movimento**. Uma prática corporal. São Paulo: Caioá, 1998.